

**A COMPLEXA RELAÇÃO ENTRE GÊNERO/SEXO
E A VARIAÇÃO NO USO DE PRONOMES
EM FUNÇÃO DE SUJEITO³**

Viviane Maia dos Santos
vivianemaiasantos@ig.com.br

1. Introdução

O objetivo do presente trabalho é apresentar uma proposta de interpretação para “Princípio I” proposto por Labov (1990): “as mulheres tendem a empregar mais formas padrão que os homens da mesma classe social”. Entendemos que para discutir a questão temos de problematizar alguns conceitos, como o que entendemos por sexo e gênero, quais são os nossos critérios para categorizar as variantes e como esses elementos se relacionam para determinar as diferenças linguísticas observadas entre homens e mulheres. Para categorizar os indivíduos, levou-se em consideração o comportamento social e cultural de homens e mulheres, o gênero, e a sua relação com seu sexo biológico. Considerar-se-á o gênero do falante, tentando mostrar que a ligação cultural que existe entre o sexo e aspectos da experiência humana é determinante para o comportamento linguístico adotado pelos indivíduos. Quando utilizarmos as palavras homem e mulher, feminino e masculino, entre outros, estaremos nos referindo ao sexo biológico relacionando-o ao comportamento social e cultural dos indivíduos. Para a categorização das variantes, considerar-se-á a influência que as gramáticas tradicionais têm sobre os falantes mais escolarizados, o que não contradiz a definição proposta por Labov: “a variante será padrão se for a mais empregada pelos falantes mais cultos em seus estilos de fala formal”. O fenômeno linguístico que servirá de exemplo será a variação dos pronomes em função de sujeito.

Estudos realizados em diversas regiões do Brasil sobre a variação dos pronomes-sujeito de segunda pessoa do singular parecem confirmar o princípio laboviano. Os homens, mesmo os mais escolarizados, tendem a adotar com mais frequência em situações de informalidade um determinado tipo de variante, que não o uso não padrão do pronome *tu* (*tu* + verbo na terceira do singular). Nosso objetivo é apresentar algumas hipóteses para a predileção dos falantes masculinos por formas, teoricamente,

³ Trabalho apresentado à professora Christina Abreu Gomes, na disciplina Sociolinguística: Teoria de Descrição, no primeiro semestre de 2010.

estigmatizadas socialmente. Entendemos que a forma *tu* empregada sem a marca de concordância constitui um uso não padrão, porque infringe as regras postuladas pelas gramáticas tradicionais, conferindo estigma social ao uso, já que as classes mais cultas tendem a obedecer às regras contidas nos compêndios gramaticais.

Para a discussão, primeiramente, apresentaremos as evoluções porque passou a categoria social sexo. Em seguida, discutir-se-ão os conceitos de padrão e não padrão propostos pelo pesquisador para em seguida estabelecer a relação entre o princípio laboviano e o fenômeno linguístico em questão.

Nossa hipótese é que, historicamente, características biológicas determinaram os papéis sociais desempenhados por falantes do gênero masculino, o que acabou construindo uma maneira de interpretar e se colocar diante do mundo. O comportamento linguístico masculino, a atitude dos falantes desse gênero em relação às formas padrão, seria um reflexo desse repertório de experiências humanas a que estiveram submetidos.

2. *Categorias sociais: gênero e sexo*

Categorizar indivíduos em homens e mulheres tem sido prática comum nas ciências sociais. Houve uma mudança na noção da categoria social sexo que foi impulsionada pelo impacto do feminismo e das teorias feministas. Até a década de 70, as pesquisas variacionistas concebiam sexo da mesma forma que as ciências sociais. As pesquisas que relacionam gênero e variação na linguagem acompanharam a evolução do pensamento feminista. Reconheceu-se que as categorias sociais, inclusive o sexo, eram muito mais complexas do se imaginava. Os indivíduos deixaram de ser categorizados apenas segundo seu sexo biológico, visão do paradigma essencialista, passando a ser reconhecidas as dimensões sociais e psicológicas para categorização dos indivíduos. Atualmente, "sexo" tem sido, frequentemente, utilizado para se referir à distinção fisiológica entre fêmeas e machos, com o "gênero" referindo-se à elaboração social e cultural da diferença sexual – um processo que restringe nossos papéis sociais, oportunidades e expectativas. Essas são as ideias que influenciam as recentes pesquisas variacionistas. Na prática, existe uma ligação cultural entre o sexo e as experiências humanas. A relação entre gênero e variação linguística que, segundo pesquisadores, só será elucidada se analisarmos o uso cotidiano da linguagem por homens e mulheres nas comunidades locais onde a construção da identidade de gênero ocorre. Essa é a

perspectiva que será empregada para tentar elaborar uma nova interpretação para o princípio I laboviano.

Atualmente, acredita-se que o gênero é termo mais adequado a ser utilizado para a categoria de sexo, porque dá conta da relação entre sexo e fatores sociais ao estabelecer a diferença entre os indivíduos. É preciso reconhecer, entretanto, que na prática, nossa vida social é organizada em torno da dicotomia fisiológica de tal forma que uma ligação cultural foi forjada entre sexo e praticamente todos os outros aspectos da experiência humana. Talvez isso explique o fato de os falantes, categorizados em função de seu sexo biológico, apresentarem comportamento linguístico semelhante.

3. *O significado de variante padrão e não padrão*

O trabalho realizado por Paredes Silva (2003) parece referendar o princípio I laboviano:

Assim deve-se destacar a variável gênero/sexo, sempre a primeira selecionada pelo programa VARBRUL quando se opõem as variantes *você* e *tu*. A influência do sexo do falante nos processos de mudança linguística precisa ser contrabalçada por outras questões. No caso em pauta, a forma inovadora – *tu* + verbo na 3ª pessoa – é contrária ao padrão e provoca forte estigma social, pela falta de concordância verbal que acarreta. Na perspectiva dos estudos sociolinguísticos, os homens têm-se mostrado na dianteira quando se trata de uma mudança na direção de formas não padrão. (SILVA, 2003).

Labov (1990) postula que variantes-padrão seriam as formas linguísticas empregadas com mais frequência por falantes de classe mais elevada na hierarquia social em seus estilos de fala mais formal. Essa definição parece não estar em desacordo com o que a autora propõe, já que os falantes cultos em situações de mais formalidade tendem a empregar as formas prescritas pelas gramáticas normativas. Com relação à variável pronome-sujeito a que se refere a autora, o fato de a forma *tu*, pronome pessoal de segunda do singular, estabelecer concordância com o verbo na terceira pessoa do singular vai de encontro com o que as gramáticas tradicionais prescrevem. Isso faz com esse uso seja evitado por falantes de classe mais elevada, já que, teoricamente, são os indivíduos com maior grau de educação formal. Portanto, podemos aqui adotar o mesmo conceito de variante padrão e não padrão empregado pelo pesquisador, considerando, pois, a forma *tu* + verbo na terceira pessoa do singular, uma variante não padrão. É preciso considerar, entretanto, que do ponto de vista linguístico, todas as variantes são iguais. A diferença entre elas é

apenas do ponto de vista social. As formas linguísticas tendem a gozar do prestígio social dos seus usuários. Sendo assim, as variantes adotadas pelos falantes menos cultos são estigmatizadas da mesma forma que seus usuários.

4. A diferenciação linguística entre homens e mulheres: o princípio I

Após 30 anos de estudos sociolinguísticos, *ibid* (1990) resumiu o resultado da diferenciação linguística entre homens e mulheres em três princípios básicos:

Princípio I na estratificação sociolinguística estável, os homens usam uma frequência maior de formas fora do padrão do que as mulheres; **Princípio Ia**, na mudança de cima, as mulheres são a favor das formas de entrada mais prestígio do que os homens e **Princípio II** A mudança a partir de baixo, as mulheres são mais frequentemente as inovadoras. (LABOV, 1999)

Vários pesquisadores⁴ têm elaborado explicações para o fato de as mulheres empregarem as formas padrão mais que os homens. Os trabalhos têm em comum o fato de pensar o comportamento social e cultural de homens e mulheres e não apenas classificá-los em função de seu sexo biológico, visão essencialista que foi substituída por uma perspectiva construcionista. Reconheceu-se o significado cultural de gênero, que é considerado uma elaboração social e cultural que determina os papéis sociais, as oportunidades e a expectativa dos indivíduos. Embora se reconheça que gênero e sexo não sejam categorias binárias, temos de considerar que na prática, nossa vida social é organizada em torno da dicotomia fisiológica de tal forma que uma ligação cultural foi forjada entre sexo e praticamente todos os outros aspectos da experiência humana. É a partir dessa observação que desenvolveremos nossa análise.

Historicamente, homens sempre realizaram tarefas que envolviam risco de vida: caça, guerras, construções etc. Os homens, por desempenharem tarefas em que há risco de morte para si e para seus parceiros, precisam estabelecer relações de maior confiança e intimidade com seus colegas de trabalho. Em uma guerra, por exemplo, o companheiro é forçosamente alçado à posição de amigo, porque é a vida de ambos que está em jogo. Situações desse tipo impõem uma objetividade que talvez neutralize a presença de determinados valores sociais. Por exemplo, no universo masculino, um profissional é julgado em função da presença de características necessárias à realização de determinada tarefa. Um engen-

⁴ Ver Fasold (1990); Gordon (1997); Deuchar (1988); Trudgill (1972) *et alii*

nheiro, por exemplo, será considerado um profissional competente se dominar os conhecimentos necessários para a realização da tarefa para a qual foi contratado. O domínio das variantes-padrão parece não ser um requisito relevante para a execução desse tipo de tarefa. Em uma guerra, um general precisará mais do que exibir as variantes padrão para usufruir do respeito dos seus subordinados, ou seja, a concretização de determinadas tarefas parece ser indiscutivelmente mais relevante que a exibição do domínio de determinados conhecimentos.

Não só o risco de vida impõe objetividade a esse grupo social. Temos ainda de pensar no papel social até recentemente desempenhado quase que exclusivamente pelos homens, o chefe de família. Cabia ao homem o sustento de sua família. Os homens se reconheciam e se reconhecem como os responsáveis pela manutenção financeira de seus filhos e esposas. Também fazem parte da memória coletiva certas conquistas que são atreladas a esse gênero, como as descobertas da ciência, a conquista do espaço, a expansão marítima. Esses fatos históricos fazem com que as profissões tipicamente masculinas gozem naturalmente de prestígio social. As mulheres, por outro lado, ainda têm de ser buscar respeito e reconhecimento social, mesmo que exerçam as profissões masculinas, o que talvez possa ser feito a partir da apropriação da credibilidade social de que gozam as variantes-padrão. Não é a profissão que apresenta prestígio, mas sim o gênero. Segundo Trudgill (1972), as mulheres adquirem status social vicariamente, enquanto os homens podem adquirir através do seu estatuto profissional. As mulheres sinalizam seu status social através da sua utilização da norma, abertamente variantes de prestígio. A entrada feminina no mercado de trabalho é um fato relativamente recente. A necessidade de reconhecimento profissional e social é ainda uma prioridade feminina. Os homens, por outro lado, já conquistaram os espaços públicos, o respeito e reconhecimento sociais necessários, o que sinaliza uma diferença de prioridade entre os grupos. Enquanto mulheres ainda têm de ser buscar respeito social, os homens podem contar com a memória coletiva e gozar do reconhecimento de que gozam os falantes desse gênero, se pensarmos que as descobertas das ciências, a conquista do espaço, a expansão marítima etc. são conquistas atreladas historicamente a esse grupo social. Outro aspecto interessante diz respeito ao repertório de experiências intergênero. Os homens, de maneira geral, são criados por mulheres até a adolescência e depois passam a conviver em ambientes masculinos, às vezes, pelo fato de exercerem profissões que exigem certas características físicas, como a força, agilidade etc. que acabam determinando que somente os homens podem exercê-las. As mulheres, por

outro lado, são em geral educadas por outras mulheres e exercem profissões femininas, o que faz com que o gênero feminino tenha um repertório de experiências intergênero menos vasto que os falantes de gênero masculino. Ao entrar em contato com o universo profissional masculino e até mesmo durante a vida, em que há certas atividades tipicamente masculinas, os homens constroem suas identidades de gênero masculino em que estão inseridos certos valores e ideologias. É provável que as formas linguísticas eleitas pelos gêneros tenham estreita relação com as necessidades de cada grupo. Exibir as variantes de prestígio, talvez, não seja tão importante para os falantes do gênero masculino como para os falantes do gênero feminino.

5. *Análise dos dados*

Os dados analisados são do *corpus* que foi constituído a partir de gravações espontâneas realizadas nas ruas do Centro do Rio de Janeiro entre 2006 e 2008. As entrevistas foram realizadas em situação de extrema informalidade por dois motivos: o objetivo da pesquisadora era criar uma situação de informalidade e intimidade, já que as pesquisas sobre o tema mostravam um favorecimento da forma *tu* nessas situações; os entrevistados não sabiam que estavam sendo gravados, o que talvez tenha favorecido a exibição do vernáculo. Foram entrevistados dez informantes distribuídos pelos dois gêneros e por três faixas etárias. A pesquisadora se aproximava dos informantes, supostos 'advogados', com um pen drive, como se estivesse ouvindo música. Fazia perguntas do tipo: 'Como eu faço para chegar à rua x?'. Esse tipo de pergunta foi bastante eficaz para a coleta das formas pronominais de tratamento. Para aumentar a quantidade de dados, durante as gravações, a pesquisadora dizia que havia entrado com um processo contra uma suposta empresa onde teria trabalho. Esse assunto foi introduzido para confirmar as impressões sobre a profissão do entrevistado. Todos os entrevistados sabiam que o que a pesquisadora procurava não era o Fórum, mas sim, a Justiça do Trabalho, o que talvez confirme o fato de eles serem advogados.

Na atual sincronia, os falantes cariocas dispõem de três estratégias pronominais de tratamento, a saber: *tu*, *você* e *o zero* com algumas especificidades de uso. Nosso intuito neste trabalho é, entretanto, analisar somente a variação entre as formas *tu~você*. Estudos recentes, em outras regiões do Brasil, mostram que a forma *tu* + verbo na terceira do singu-

lar, uso não padrão, é mais produtiva entre homens jovens em relações mais solidárias:

Trabalhos como os de Modesto (2006), no litoral santista; Lucca (2005), em Brasília; Amaral (2004), em Pelotas/RS; Paredes Silva (2000), no Rio de Janeiro, entre tantos outros, têm demonstrado o favorecimento de *tu* em situações mais solidárias e íntimas, principalmente, na fala de jovens do sexo masculino com menor escolaridade. Sem contar com as distinções tipicamente geográficas, sociolinguísticas e pragmáticas, os estudos convergem em alguns pontos, evidenciando a maior neutralidade da forma *você*, o seu caráter "menos invasivo" e emprego mais produtivo na fala de mulheres. (LOPES, 2008).

Esses resultados parecem confirmar o princípio I laboviano. Não só homens não escolarizados, mas também os que apresentam maior grau de escolaridade, exibem comportamento linguístico semelhante. Os 'advogados' entrevistados apresentaram o mesmo comportamento linguístico, empregaram mais o uso não padrão do pronome-sujeito *tu*. As 'advogadas', por outro lado, empregaram mais o pronome *você*, embora não de forma categórica. O pronome *tu* + verbo na terceira do singular é um uso considerado não padrão, porque infringe as regras prescritas pelas gramáticas normativas. Geralmente, as formas que não obedecem às regras estabelecidas pelos compêndios gramaticais são evitadas por falantes de classes mais altas, conferindo às formas estigma social. Os 'advogados' do gênero masculino apresentaram uma quantidade de uso não padrão da forma *tu* muito maior que as 'advogadas'. Para verificar as formas pronominais de tratamento empregada pelos falantes em situação de informalidade, a pesquisadora fazia perguntas do tipo 'Como eu faço para chegar à rua x?'

O domínio do espaço público foi por muito tempo exclusividade masculina. Com a entrada das mulheres no mercado de trabalho, esse conhecimento passou a ser compartilhado com esse grupo. Durante as entrevistas, era interessante observar que, para dar credibilidade à informação, as mulheres empregavam a forma *você*, mais formal, mais 'correta', como estratégia de referência ao interlocutor e elaboravam muito mais as respostas. Podia-se perceber que havia a intenção de mostrar ao interlocutor o domínio do conhecimento das ruas do Centro. Os homens, por outro lado, foram mais objetivos em suas respostas e não se percebeu, em suas respostas, preocupação em detalhar as formas de se chegar ao local perguntado. Essa diferença de postura talvez possa ser explicada pelo fato de os homens não terem a necessidade de mostrar ao seu interlocutor que conhecem as ruas do Centro. O fato de os homens apresentarem um maior domínio do espaço público é reconhecido socialmente. Segundo a

pesquisadora, muitas vezes as mulheres não sabiam como chegar ao local em questão. Os homens, por outro lado, conheciam, inclusive, as ruas mais distantes das ruas principais: Avenida Rio Branco e Presidente Vargas. Abaixo, as transcrições de algumas entrevistas realizadas:

[1] (Gravação secreta realizada no centro da cidade do Rio de Janeiro no mês de maio de 2008. Foi entrevistado um advogado idoso). F1.: pesquisadora e F2.: entrevistado(a)

F1.: Senhor boa tarde como eu faço para ir daqui ao Fórum?

F2.: Não o Fórum é para cá

F1.: (...)

F2.: É justiça comum né?

F1.: É porque eu entrei com um processo contra a empresa onde eu trabalhava

F2.: Ah então não é o Fórum é Justiça do Trabalho

F1.: Ah:: é porque eu achava que tudo era a mesma coisa

F2.: Não o Fórum cível é lá (...) vai caminhar toda vida aqui

F1.: ah ah

F2.: Aqui não dá para **você** ver lá no finalzinho já vai ser um três dois (...) um prédio de vidro para a esquerda

F1.: Para a esquerda lá né?

F2.: porque aqui não dá para **você** ver o prédio tá **tu** vai direto toda vida quando chegar lá no final **tu** entra à esquerda número um três dois um três dois

F1.: Um três oito?

F2.: Um três dois

F1.: Um três dois (risos)

F2.: **Você** vai ver um prédio todo de vidro ele

F1.: Todo de vidro atrás desse aqui da Petrobrás

F2.: É daqui não dá para ver porque o outro está tampando ele é bonito todo de vidro

F1.: Ah então é fácil

F2.: É vai caminhando (...)

F1.: Obrigada.

Nessa entrevista, pode-se perceber a objetividade do entrevistado. Ao ser perguntado sobre como se faz para chegar a determinado local, o entrevistado responde objetivamente: '*tu vai direto toda vida quando chegar lá no final tu entra à esquerda número um três dois um três dois*'. O entrevistado não cita nomes das ruas pelas quais a pesquisadora terá de passar para chegar ao local. Limita-se a apenas a orientá-la a procurar um prédio bonito todo de vidro. Outra questão interessante é que a entrevistadora pergunta onde é o Fórum, explicando que não havia ocorrido nenhuma audiência. O interlocutor a corrige, dizendo que o que ela procura não é o Fórum, mas sim, a Justiça do Trabalho. Pode-se perceber que a correção feita não é valorizada pelo entrevistado, que rapidamente dá prosseguimento à explicação, pedindo a pesquisadora que vá caminhando à procura do prédio de vidro. O falante não se dedica a criar uma imagem social de credibilidade, embora disponha de elementos, como a informação do local perguntado e o conhecimento de que o que a pesquisadora procura não é o Fórum, mas sim, a Justiça do Trabalho, que permitiriam a ele criar essa imagem. É preciso, entretanto, destacar o fato de o entrevistado pertencer à faixa três. Teoricamente, as pessoas mais velhas sofrem menos pressão social, já que estão no mercado de trabalho há mais tempo. O comportamento linguístico dos falantes da faixa três é menos influenciado pela norma-culta padrão. Cabe também destacar que, como os dados analisados são de 'fala espontânea', é possível que a fala de homens e mulheres do *corpus* estejam mais próximas ao vernáculo.

Com relação à objetividade, as mulheres entrevistadas apresentaram comportamento oposto. As mulheres elaboraram mais suas respostas, o que se traduziu em uma maior quantidade de pronomes-sujeito por elas empregados. Abaixo, a transcrição da entrevista de uma informante do sexo feminino:

[2] (Gravação secreta realizada no Centro da cidade do Rio de Janeiro no mês de maio de 2008. Foi entrevistada uma 'advogada' de aproximadamente 30 anos muitíssimo bem vestida).

F1.: pesquisadora e F2.: entrevistado(a)

F1.: Oi senhora dá licença boa tarde eu vim ali do::: prédio da Justiça do Trabalho só que me disseram que não é para lá::: você sabe conhece um outro prédio aqui no Centro que seja da Justiça do Trabalho?

F2.: Justiça do Trabalho? Tem dois um que na Santa Luzia e um que é aqui grandão que é onde você deve ter ido.

F1.: Só que me disseram que não é ali

F2.: Não é mais ali?

ANAIIS DO XV CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

- F1.: Não porque o que eu quero não é lá porque é para audiência
F2.: É uma vara?
F1.: É
F2.: Pô porque olha só porque vai ficar um pouco longe para **você** ir andando
F1.: Ah é?
F2.: É mas de qualquer forma **você** faz um seguinte se **você** se **você** atravessar toda essa rua aqui **você** pega um ônibus ali na frente (...) da Santa Luzia
F1.: Santa Luzia?
F2.: É agora se **você** quiser ir por aqui também dá
F1.: Por aqui?
F2.: Não dá porque se **você** for para lá **você** vai pegar o início da rua se **você** for por aqui **você** pega mais perto
F1.: pego mais
F2.: **Você** vai ter que seguir aqui onde aquele táxi está indo
F1.: hum sei
F2.: Aí **você** vai seguindo e vai atravessar para o lado de lá aí **você** vai pegar informação é mais ou menos em frente ao Detran
F1.: Tá (...)
F2.: **Você** vai pegar mesmo o finalzinho da da Justiça do Trabalho que é onde tem um prédio que não tem nem elevador tem que subir andando
F1.: Caramba! Agora se eu quiser ir de ônibus como é que eu que ônibus que eu pego?
F2.: Não eu acho que por aqui vai ser mais perto
F1.: Mais perto?
F2.: (...) pensando bem **você** vai pegar o final da rua já se **você** seguir isso aqui e ir seguindo reto é porque **você** vai não vai pegando uma rua direto aqui **você** vai ter que seguir direto e ir cortando caminho se **você** seguir essa rua aqui direto e atravessar e seguir a outra rua que dá mão ali
F1.: já sai mais perto
F2.: **você** vai ficar na porta entre a::: Justiça do Trabalho e a::: o::: Detran
F1.: O Detran?
F2.: É pergunta (...)
F1.: Santa Luzia Detran?
F2.: É ta bom?

F1.: Tá bom obrigada

O *você* foi a forma pronominal tratamental mais empregada pelas mulheres, o que corrobora o que Lopes (2008) já havia apontado: "a forma *você* é a estratégia pronominal de tratamento mais produtiva na fala feminina". A tabela abaixo mostra um panorama dos pronomes-sujeitos adotados pelos falantes do *corpus*.

	Informantes de gênero /sexo feminino (3)	Informantes de gênero /sexo masculino (7)
Pronomes-sujeito <i>tu</i>	8	11
Pronomes-sujeito <i>você</i>	49	32
Total de ocorrências	57	43
% de pronomes-sujeito <i>tu</i>	14%	26%

Tabela 1: Total de ocorrências de pronomes-sujeito

As mulheres, embora em menor número, apenas três contra sete informantes do gênero/sexo masculino, apresentaram um número maior de uso de pronomes-sujeito (57 ocorrências). A forma *você* foi a mais empregada por elas, contabilizando 86% dos pronomes-sujeitos empregados. A maior quantidade de formas pronominais de tratamento na fala das mulheres confirma em parte a hipótese de que elas foram mais cuidadosas em suas explicações sobre como se fazia para chegar ao local perguntado. Para explicar como se faz para chegar ao local, o falante deveria adotar alguma forma pronominal de tratamento. Algumas informantes de gênero/sexo feminino, como a 'advogada' da transcrição 2, exibiram uso categórico da forma *você*. Outra diferença relevante entre homens e mulheres é que se pode perceber uma preocupação em mostrar que se conhece até mesmo mais de uma forma de se chegar ao local perguntado: "f2.: Não dá porque se **você** for para lá **você** vai pegar o início da rua se **você** for por aqui **você** pega mais perto". Nesse fragmento, pode-se perceber que a entrevistada mostra conhecer duas possibilidades de se chegar ao local. É também interessante notar que, quando a pesquisadora abordava uma falante do sexo feminino, as entrevistadas demonstravam estar orgulhosas por terem sido escolhidas para dar tal informação. É como se a pesquisadora estivesse, ao escolher a pessoa para dar a informação, reconhecendo o informante como pertencente ao grupo social que detém esse tipo de conhecimento. Os homens é que são socialmente reconhecidos como dominadores do espaço público. É curioso observar que ao ser perguntada sobre onde era o Fórum a 'advogada' da transcrição 3 responde 'sei', talvez, como forma de confirmar, para a pesquisadora, o seu pertencimento ao grupo social identificado como conhecedor dos espaços públicos.

[3] (Gravação secreta realizada no centro do Rio de Janeiro em maio de 2008. Foram entrevistados dois advogados, uma advogada jovem e um advogado adulto.)

F1.: pesquisadora; F2.: entrevistada e F3.: entrevistado

F1.: Oi boa tarde sabe onde é o Fórum aqui no Centro?

F2.: Sei é para lá você vai segue essa rua aqui

F1.: hum hum

F2.: Tá vendo os ônibus lá?

F1.: Ah

F2.: **Você** vai seguir

F1.: Acho que é a Primeiro de Março não é isso?

F2.: Isso aquela lá é a Primeiro de Março **você** vai seguir para lá

F1.: Subindo?

F2.: Subindo **tu** vai ver logo o Fórum a sua esquerda em frente ao Menezes Cortês

F1.: É porque é Justiça do Trabalho

F2.: Ah não não

F1.: Aí eu não sei se

F2.: É Justiça do Trabalho é o que?

F3.: É Lavradio

F2.: É Lavradio ou é segunda instância? Primeira instância ou segunda instância?

F1.: O que significa instância (risos)?

F2.: Está no Tribunal ou está na vara de origem?

F1.: É para ver o resultado de uma:: de um processo que eu movi contra a empresa para ver como é que está o andamento

F2.: Não teve nada ainda

F1.: Não não teve nada

F2.: Então é no Lavradio

F1.: É no Lavradio?

F2.: **Você** já entrou com a ação?

F1.: Isso

F2.: Só?

ANAIIS DO XV CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

F1.: Só mas ainda não aconteceu a audiência não

F2.: Isso então é lá no Lavradio mesmo

F1.: É no Lavradio?

F2.: Porque aqui seria::: se já tivesse tido recurso

F1.: Ah por isso que a segunda instância é isso né?

F2.: É

F1.: Tá

F2.: (...) o Lavradio é o seguinte **você** vai até o Largo da Carioca sabe onde é o Largo da Carioca?

F1.: Mais ou menos

F2.: **Você** vai seguir aqui não tem a Rio Branco aqui?

F1.: hum hum

F2.: **Tu** vai para lá

F1.: hum hum

F2.: que nós estamos aqui tipo estação Uruguaiana aí **tu** vai para Carioca **tu** vai seguir já atravessa a rua tá

F1.: hum hum

F2.: **Você** vai seguir a Rio Branco até o Largo da Carioca chegando no Largo da Carioca **você** pergunta aqui é o Largo da Carioca? Aí vão falar que é

F1.: hum hum

F2.: Quando **você** chegar no Largo da Carioca **você** vai é::: seguir a Almirante Barroso

F1.: Ah::: tá ótimo

F2.: Chegando no Largo da Carioca **você** vai virar a sua direita por isso que eu tô falando para **você** ir por outro lado porque:: é para lá assim

F1.: Ah então é só ir subindo aqui direto que eu vou sair lá

F2.: É para lá

F1.: hum hum

F2.: Quando chegar no Largo da Carioca é na esquerda é isso mas atravessa para **você** já ficar do outro lado da calçada

F1.: Tá beleza

F3.: Vai pegar na Senador Dantas vai ver o Banco do Brasil GRANDÃO pega aquela rua direto vai sair no Lavradio

F1.: Ah::: beleza

ANAIIS DO XV CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

- F2.: Que Senador Dantas meu Deus do céu!!!
- F3.: É claro que é
- F2.: É Almirante Barroso aquela
- F3.: Almirante Barroso ela vai ver o prédio da Senador Dantas depois vai na Almirante Barroso vai na Almirante Barroso direto
- F1.: Então eu tenho que atravessar aqui e procurar a Senador a Almirante Barroso
- F3.: A Almirante Barroso
- F1.: No caso
- F3.: É uma principal
- F2.: É uma não é uma igual a essa aqui corta a Rio Branco
- F1.: Ah::: beleza
- F2.: É uma é uma transversal
- F1.: Hum hum
- F2.: Entendeu?
- F1.: O negócio que é para lá (...) só atravessar e ir para a esquerda
- F2.: Não você segue aqui segue aqui
- F1.: hum
- F2.: Aí **você** vai lendo as placas como está Sete de Setembro vai ter uma outra que vai ser Almirante Barroso
- F3.: Sete de Setembro a outra ::: é tem a Sete de Setembro
- F2.: A Almirante Barroso é transversal a Sete de Setembro é essa daqui aí **você** mais uma transversal aqui mais uma transversal eu não sei exatamente
- F1.: Quantas transversais até lá?
- F2.: Isso aí ao invés de não tem Sete de Setembro para cá ?
- F1.: ah
- F2.: Não tem Sete de Setembro para cá?
- F1.: Para lá também
- F2.: Então porque a Rio Branco corta a Almirante Barroso é a mesma coisa vai ter para cá e vai ter para lá você vai para lá
- F1.: Ah então beleza eu acho que eu acho que eu sei onde é sim
- F3.: É uma principal com duas mãos uma vindo uma (...) é a única
- F1.: É perto daquele prédio da Petrobrás?

ANAIIS DO XV CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

F3.: É é:::

F2.: Isso exatamente

F3.: É aquela rua

F1.: Ah é aquilo ali então eu sei

F3.: Aquela principal **você** vai direto

Essa gravação apresenta alguns aspectos interessantes. O primeiro é que a informante feminina é a que mais se preocupa em explicar a forma de se chegar ao local perguntado. A pesquisadora que fez a gravação acredita que os dois entrevistados eram namorados. O 'advogado' deixa que sua 'namorada' explique o que foi perguntado. Mas, como a pesquisadora insiste em se mostrar perdida, estratégia que foi adotada em todas as gravações para fazer com os entrevistados produzissem uma grande quantidade de formas pronominais de tratamento e para forçar uma intimidade entre ambos, há um momento em que o 'advogado' intervém. Essa intervenção cria um conflito entre ambos:

F3.: Vai pegar na Senador Dantas vai ver o Banco do Brasil GRANDÃO pega aquela rua direto vai sair no Lavradio (fala do 'advogado')

F1.: Ah::: beleza (pesquisadora)

F2.: Que Senador Dantas meu Deus do céu!!! (fala da 'advogada')

F3.: É claro que é (fala do 'advogado')

A partir desse momento, a 'advogada' abandona o uso da forma *tu*, que foi adotada por ela momentos após o início da gravação:

"F1.: Oi boa tarde sabe onde é o Fórum aqui no Centro?"

F2.: Sei é para lá você vai segue essa rua aqui

F1.: hum hum

F2.: Tá vendo os ônibus lá?

F1.: Ah

*F2.: **Você** vai seguir*

F1.: Acho que é a Primeiro de Março não é isso?

*F2.: Isso aquela lá é a Primeiro de Março **você** vai seguir para lá*

F1.: Subindo?

*F2.: Subindo **tu** vai ver logo o Fórum a sua esquerda em frente ao Menezes Cortês"*

A mudança de uso da forma pronominal de tratamento talvez tenha ocorrido porque, ao intervir na explicação, o 'namorado' talvez tenha posto em dúvida as estratégias empregadas pela informante para explicar à pesquisadora como se faz para chegar ao local perguntado. Ao ter a sua credibilidade posta em dúvida, a informante talvez tenha recorrido às variantes-padrão para reconquistar a credibilidade ameaçada. A forma *você*, variante padrão com valor pragmático-discursivo 'mais neutro' e 'menos invasivo', participa da construção de uma imagem social de maior credibilidade que a entrevistada mostra ter a necessidade de exibir. Ao observar o comportamento linguístico masculino, é possível perceber confirmar a impressão de que esse grupo social foi mais objetivo por motivos já citados. Abaixo a transcrição de uma gravação em que dois homens foram entrevistados:

[4] (Gravação secreta realizada no Centro da cidade do Rio de Janeiro no mês de maio de 2008. Foram entrevistados dois advogados, um jovem e outro adulto).

F1.: pesquisadora; F2.: entrevistado jovem e F3.: entrevistado adulto

F1.: Com licença boa tarde onde é o fórum aqui no Centro?

F2.: Ali na Primeiro de Março

F1.: (...)

F2.: Depois subindo à direita

F1.: Justiça do Trabalho?

F2.: Ah justiça do trabalho **você** está longe

F3.: Tem que saber qual é a vara

F1.: Está longe é porque eu quero ver um resultado

F2.: (...)

F1.: É tudo lá (...)

F3.: Lá no Lavradio

F1.: Lá no Lavradio daqui como eu faço para chegar

F2.: Pega lá onde está passando um ônibus na Rio Branco

F1.: ah ah

F2.: Pega aquela lá (...) desce direto

F3.: É mais fácil **você** fazer o seguinte **você** conhece a Cinelândia?

ANAIIS DO XV CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

F1.: Daqui (...) estou totalmente perdida eu sei que ali é a Rio Branco onde passam os ônibus é isso mesmo? Ai eu sigo em frente passo a Rio Branco...

F3.: Sabe onde é a estação do metrô ali da Carioca na frente?

F1.: Tá

F3.: então **tu** vai passar a estação do metrô e vai continuar reto subindo

F1.: hum hum

F3.: **tu** vai passar do lado do prédio do BNDES vai ter uma::: um viaduto quando **você** atravessar o viaduto **tu** já vai ver o prédio da Justiça do Trabalho do outro lado da rua

F1.: Como é que é o prédio?

F2.: É igual ao Piranhão

F1.: É como o Piranhão na Prefeitura?

F2.: (...)

F1.: Tá ótimo então obrigada.

Essa gravação mostra que os homens são realmente mais objetivos em suas explicações e usam mais frequentemente a forma *tu* + verbo na terceira do singular (26% de ocorrências na fala masculina), uso considerado não padrão no dialeto carioca. Embora a pesquisadora tenha mostrado que não sabia como chegar ao local desejado, os informantes masculinos não demonstraram tanto empenho em fazê-la entender como chegar ao local. A credibilidade da informação é outro aspecto importante. Em nenhum momento, mesmo mostrando não entender o que estava sendo explicado, houve dúvida, por parte dos homens, com relação à informação que estava sendo prestada. O 'advogado jovem, f2' não interrompeu a explicação do outro 'advogado', limitou-se a apenas acrescentar alguma informação que pudesse ser relevante. A forma *tu* foi amplamente empregada, mesmo nos momentos em que a pesquisadora mostrou-se mais perdida. Isso talvez indique que os motivos que condicionam a variação entre *tu* e *você* na fala masculina são diferentes dos motivos que condicionam a variação na fala feminina. As mulheres tenderam a empregar a forma *você* nos momentos em que sua credibilidade estava sendo ameaçada. Os homens, por outro lado, variaram de uma forma para outra por outros motivos.

A linguagem adotada pelos falantes tem cada vez mais a função de construir uma imagem social. Ao ser abordado nas ruas, é difícil para os transeuntes categorizar seus interlocutores, já que a forma como as

peçoas se vestem, os símbolos de 'status social' como um celular mais moderno, uma bolsa de grife, por exemplo, já não são exclusividade da elite econômica. Como então categorizar socialmente nosso interlocutor? Como decidir que forma pronominal empregar em uma situação desse tipo? Nesse sentido, talvez os usos linguísticos adotados pelos interlocutores em uma situação comunicativa é que vão sinalizar determinados aspectos sociais. O conhecimento e a influência da norma-padrão são privilégio de uma elite cultural que deixou de ser a única a ter acesso a determinados bens materiais.

Pode-se perceber, a partir da análise das transcrições das gravações, que as mulheres começam a se apropriar dos conhecimentos atrelados ao sexo masculino, e domínio do espaço público é um dos conhecimentos atribuídos a esse gênero. A forma *você*, por ser uma variante-padrão, participa da criação de uma imagem social de maior credibilidade, já que ao exibir as variantes-padrão, o informante mostra que teve acesso à educação formal, o que o torna uma autoridade cultural. Se o que está em jogo é o conhecimento, os falantes poderão usufruir do prestígio social de que gozam as variantes-padrão para criarem o próprio. O reconhecimento social do domínio do espaço público é uma necessidade muito mais feminina do que masculina, já que o fato de os homens estarem no mercado de trabalho há mais tempo torna inquestionável e previsível que eles detenham esse tipo conhecimento. No caso das mulheres, esse reconhecimento social não é tão óbvio. Apenas uma informante utilizou categoricamente a forma *você* e o pronome nulo como estratégia de referência ao interlocutor. Os demais falantes variaram entre *tu-você*. Essa variação parece estável, já que não houve mudança na distribuição das variantes por faixa etária. Os motivos que condicionam a variação entre as formas pronominais é que parecem mudar de um gênero/sexo para outro. É preciso considerar que os falantes das faixas um e dois são os que mais sofrem a pressão da norma-padrão, já que estão no mercado de trabalho há menos tempo. Cabe destacar, entretanto, que a situação comunicativa das gravações talvez tenha contribuído para que o comportamento linguístico dos falantes nas entrevistadas fosse o mais natural possível.

6. Conclusão

O fato de as mulheres empregarem mais formas padrão do que os homens talvez possa ser explicado historicamente. Os homens, às vezes

em função de características fisiológicas, exerceram profissões em que o risco de vida fez com que eles estabeleçam relações mais solidárias com seus companheiros. Esse aspecto fez com que desenvolvessem uma objetividade que se espelha na sua forma de julgamento. Para eles, um profissional competente é aquele que é capaz de realizar a tarefa para a qual foi contratado. Determinados conhecimentos formais não são exigidos pelo grupo. A expansão marítima, a conquista do espaço, as descobertas da ciência são alguns exemplos de conquistas que conferem aos homens reconhecimento profissional inquestionável. As mulheres, por outro lado, ainda precisam provar sua competência, já que sua entrada no mercado de trabalho é algo ainda recente. O domínio das formas padrão talvez seja a forma que as mulheres têm de construir uma imagem social de credibilidade, já que, em geral, os falantes que dominam as formas padrão tiveram acesso à educação formal, e, teoricamente, um profissional competente precisa de uma formação cultural consistente. Nesse sentido, exibir as variantes-padrão é uma maneira de sinalizar determinados aspectos sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHESHIRE, J. *Sex and gender in varionist research*. Chambers, J. K. Peter Trudgill, Natalie Schilling-Estes, 2004.

LOPES, C. R. S. *et alii*. Quem está do outro lado do túnel? *Tu ou você* na cena urbana carioca. *I Congresso Internacional Processos Urbanos*, 2008.

PAREDES SILVA, Vera L. A distribuição dos pronomes de segunda pessoa do singular na fala carioca ao longo do século XX. *II Congresso Nacional da Abralin* (CD-rom), 2000.

_____. O retorno do pronome tu à fala carioca. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. (Orgs.). *Português brasileiro – contato linguístico, heterogeneidade, história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003, p. 160-169.

_____; SANTOS, Gilda Moreira dos; RIBEIRO, Tatiana de Oliveira. Variação na 2ª pessoa: o pronome sujeito e a forma do imperativo. *Gragoatá*, n. 9. Niterói, p.115-123, 2000.

ANAIIS DO XV CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

SANTOS MAIA, Viviane dos. *As formas pronominais de tratamento no século XXI. Congreso Internacional de la Asociación de Linguística y Filología de América Latina, 2008.*